

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

15. Sintomas familiares, famílias sintomáticas

Responsável NEL: Irene Sandner (membro NEL-CDMX)

Participantes: Ángela Fischer (**Relatora**, NEL-Lima), Noemí Cinader (NEL-Caracas), Martha Carolina Forero (NEL- Medellín), Angélica León (asociada de la NEL-Maracaibo), Eduardo Barboza (asociado de la NEL-CDMX), Cinthya Estrada (asociada de la NEL-CDMX)

Apostar pelo sintoma na família

Achamos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala. Escutem esse nós como um objeto direto. Somos falados e, por causa disso, fazemos, dos acasos que nos levam, alguma coisa de tramado. Com efeito, há uma tramachamos isso de nosso destino.¹

O chamado da AMP neste momento se desdobra sobre o tema da família, suas configurações frente o progresso da ciência, as constituições familiares atuais e os efeitos que o declive da imagem paterna tem sobre o *fallasser*. Hoje em dia frequentemente se fala da profunda crise da família como instituição. Há novas relações familiares, incremento de divórcios, reprodução assistida, incorporação da mulher no trabalho, matrimônio de casais do mesmo sexo, etc. Tudo isso deixa ver uma crise no nível fenomenal, porém para a psicanálise, a crise é tão antiga como a própria família. Berenguer² refere que segundo a psicanálise há uma impossibilidade estrutural pela qual a família e a crise vão de mãos dadas. A família, comenta o autor, funciona à maneira de uma suplência frente à não relação sexual. Se a família se constitui ao redor desse furo central, então não é uma rareza

¹ Lacan, J., Joyce o Sintoma. (1975-1976) *O Seminário, livro 23. O Sinthome*. Primeira edição. 2006, p. 160.

² Berenger, E., O lugar da família na atualidade desamarração e re-amarração. Revista Digital *Virtualia* N° 15. 2006.

que sempre exista crise na família.

A civilização chamada hipermoderna, sofreu mudanças consideráveis durante um curto período de tempo. Desde os tempos de Freud até agora podemos perceber que o discurso social assim como a família conjugal mudaram substancialmente. M. H. Brousse³ diz que na época do descobrimento do inconsciente, a família não somente tem estrutura de mito, senão que também está fundada em dois crimes: o assassinato do pai e o incesto. Esses dois crimes foram um jeito de organização libidinal, de impor limite e proibir o gozo, sustentado pela lei simbólica. A tradição moral dos tempos freudianos foi se dissipando. Essa moral sustentada pelo nome do pai deixou de comandar o laço social. M.-H Brousse⁴ comenta que para enfrentar essa mudança há diferentes posições dependendo do discurso do amo escolhido pelo sujeito. A autora explica que a extinção da função nome do pai foi se substituindo pelo “social”. O lugar e o poder do chefe da família são substituídos pela ordem social. As figuras de autoridade vacilam e o significante amo fica pluralizado. Então, como pode se orientar a família de hoje de cara com essa pluralidade? Zlotnik⁵ responde dizendo que é inevitável relacionar o não-todo da globalização com a pluralização dos nomes do pai.

Sobre a família, a psicanálise tem dito muito. Lacan⁶ deu um giro no que se entendia por família até aquele então, diz que é uma instituição, como uma instância simbólica e faz ênfase nos semblantes, na relatividade da estrutura matriarcal e patriarcal. Há então um predomínio dos fatores culturais sob os naturais. Define o pai e a mãe em termos de uma função, em consequência a psicanálise trabalhou para demonstrar que a família é o lugar de substituição do biológico pelo simbólico. Para Lacan,⁷ tanto o pai como a mãe são pensados primeiramente como função, uma função que alimenta a novela familiar do sujeito. Separa o gozo do sujeito e do Outro da função paterna.

³ Brousse, M.-H., *Violências nas famílias. Bater e ser batido. Bitácora Lacaniana: Violências e explosão do real*. Buenos Aires: Grama. 2017.

⁴ Brousse, M.-H., *Fora do sexo. Extensão do império materno. Videoconferências. Seminário do campo freudiano de Granada*, 2017.

⁵ Zlotnik, M., *O pai modelo. Um breve ensaio sobre a pluralização dos nomes do pai*. Buenos Aires: Grama. 2016.

⁶ Lacan, J., (1938) *Os complexos familiares na formação do indivíduo. Outros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

⁷ *Ibidem*.

Segundo o aporte de Sánchez,⁸ a família tem duas vertentes, uma como função e outra como ficção. A família como função⁹ é o que resta da novela familiar a partir da qual se constrói uma família para alguém, implica tratar de localizar o mais pulsional dentro da família. A segunda, implica pensar na família como um discurso, portanto a ficção se constrói desde aquilo que a família transmite, disso temos exemplos na nossa prática e no que foi dito pelo Freud.¹⁰ O discurso é entendido como o laço social fundado na linguagem, por conseguinte como resultado da estrutura falida da linguagem o *falantesser* pode fazer laço como o outro. O laço social não é uma relação do sujeito com objetos, é uma resposta à falha estrutural que não se deixa atrapar e que Lacan assimila na categoria do Real. Lacan¹¹ define a família nuclear como a união de uma variedade complexa de funções, o nó não é dado pelo discurso já existente, senão que será o sujeito quem deverá usar seus recursos disponíveis para realizar sua própria elaboração sintomática.

Posteriormente, Lacan vai dizer que a família evoca um laço que articula o que não foi dito sobre o gozo., enfatiza que a família tradicional chegou no seu final, é o final da filiação e o começo da aliança, em consequência se originam mudanças inexoráveis da estrutura familiar. No último ensino, Lacan parece acompanhar e até antecipar as mutações da civilização. Da mesma forma, Sinatra¹² comenta que na família, independentemente da sua configuração, sempre vão se inscrever perturbações do laço social que criaram sintomas na vida cotidiana. Brousse¹³ refere que o termo “parentalidade” substitui o termo “família”, a função da parentalidade vem substituir o pai e a mãe, apagando o resto do real que assegurava sua diferencia. A parentalidade nesse sentido, segundo a autora, é um sintoma que prevalece na sociedade moderna, é uma das versões atuais produto da modificação do discurso do amo.

Brousse¹⁴ diz na conferência que é importante sublinhar que nas sociedades tradicionais a família era considerada uma organização humana na qual a diferenciação entre homem e mulher era fundamental, não era possível pensar na origem da família sem essa diferencia.

⁸ Sánchez, B., A família entre ficção e função. Revista Digital *Virtualia* N° 15. 2006.

⁹ *Ibidem.*

¹⁰ Freud, S., A novela familiar do neurótico. *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu. 1992.

¹¹ Lacan, J., (1938) Los complejos familiares..., *op. cit.*

¹² Sinatra, E., Assuntos da família, seus enredos na prática. Texto de apresentação do VIII ENAPOL. Escuela de Orientación Lacaniana. 2016.

¹³ Brousse, M.-H., Um neologismo da atualidade: a parentalidade. *Capitón 2*. Caracas. 2005.

¹⁴ Brousse, M.-H., Fora do sexo..., *op. cit.*

Havia uma clara diferenciação entre o feminino e o masculino:

[...] hoje tudo isso que organiza, aparentemente ao serviço da reprodução e que domesticava o gozo sexual dentro do marco, aparentemente relacionado à transmissão da vida, sob a forma do homem e dos ideais, tudo isso é totalmente desamarrado da reprodução, em outras palavras, do sexo biológico.¹⁵

Por exemplo, continua Brousse,¹⁶ na atualidade há famílias de homossexuais que se casam e estão procurando quem é o pai e a mãe. A ciência substitui a função do sexo biológico. O gozo sexual fica desatado da reprodução, do sexo biológico. Há uma separação entre o gozo e a procriação, entre o gozo e a identificação. Essas famílias se constroem obrigatoriamente fora do binarismo homem-mulher. Os significantes pai e mãe devem se construir e esses significantes amo geraram consequências subjetivas.

Por outra parte, Miller¹⁷ desenvolve a ideia de que a família tem sua origem no mal-entendido, no desencontro, na decepção, no crime, a família está formada pelo nome do pai, pelo desejo da mãe e os objetos a, igualmente a família está essencialmente unida pelo segredo, está unida pelo que não foi dito. O que é esse segredo?, O que é aquilo que não foi dito? Qual é o mal-entendido?, há sempre temas proibidos, as coisas de família tem sempre no centro coisas proibidas e mal-entendidos. Para Miller¹⁸ a família se funda sob um mal-entendido, unido pelo não dito, um ponto do “disso não se fala”, um segredo sobre o gozo. Lacan¹⁹ explica que nos seres falantes desde o nascimento existe o mal-entendido, inclusive já está desde antes no “parlotear” do seus antecessores. A criança desde e antes do seu nascimento se relaciona com dois falantes que não falam o mesmo idioma, com dois que não se entendem.

Para Lacan,²⁰ o diálogo não está presente na produção do novo corpo, nos encontramos frente à não relação sexual, não há relação entre o gozo do Um e o gozo do Outro. Como não há relação sexual, como há dois que não falam a mesma língua, há mal-entendido.

¹⁵ *Ibidem.*

¹⁶ *Ibidem.*

¹⁷ Miller, J-A., Coisas de família no inconsciente. Revista *Mediodicho* N° 32. Ano 11. Publicação da Escuela de Orientación Lacaniana. Sección Córdoba. 2017.

¹⁸ *Ibidem.*

¹⁹ Lacan, J., O mal-entendido. Publicado em francês em *Ornicar* N° 22-23. Lyre. Paris. 1981, pp. 11-14.

²⁰ *Ibidem.*

Podemos dizer que na família se produz um corpo e um mal-entendido. Portanto, o encontro com o outro será sempre pela ambiguidade que a palavra instaura: o mal-entendido vem para outorgar algum significado que permita cobrir aquilo que falta, véus que revelam aquilo que não há, palavras que comunicam o recalcado. Então, o fato de que nossa família nos fala na verdade quer dizer que tudo o que falamos vem do Outro, do Outro da família. É isso que se transmite para o sujeito, e que ele acha que é dele, que lhe permite tecer seu destino. Podemos deduzir em um primeiro momento que isso vai constituir seu inconsciente, os significantes, mas também um modo de gozo.

Quando escutamos os analisandos falar sobre suas famílias, falam das ficções que ordenaram seu encontro com o gozo, na análise se escutam os significantes privilegiados claves que provém da história familiar. Então, a família se reduz por uma série de rasgos, identificações do sujeito que sugerem uma modalidade de escolha do objeto. Cada um vai criar uma ficção ou um sintoma partindo da sua inscrição familiar. Em conclusão da explicação anterior, o que podemos dizer dos sintomas familiares e das famílias sintomáticas?

Podemos dizer que independentemente das atuais configurações do vínculo familiar, o vínculo sempre é sintomático. O sintoma é aquele que localiza o impossível de enlaçar no social, é o tropeço ao qual fica sometida a cadeia social, mas pelo outro lado, também faz possível esse enlace. O vínculo é sempre sintomático, já que permite introduzir o real no laço, dessa forma o sintoma ao mesmo tempo que é semblante, também serve de veículo para um real que se inclui no laço com o Outro. Nesse sentido, o sintoma mostra na sua formação sua cara de semblante do laço, o artifício que ele é, mas ao mesmo tempo ele também mostra o que a relação com o Outro tem mais de real.

No mesmo ordem de ideias, Berenguer²¹ comenta que a família se trata de um sintoma, de formas de amarrar aquilo que de entrada está solto. De ser assim, então há que apostar pelo sintoma. Segundo Lacan o único requerimento para que o sintoma funcione de maneira estável é que alguma coisa dele não deve marchar completamente bem, comenta o autor. Estamos pensando o sintoma como uma resposta, como um modo de suplência ou de amarração, não como um problema.

Tendlarz²² diz que Lacan no texto “Notas sobre a criança” explica que o sintoma da criança está em posição de responder sobre o que é sintomático na estrutura familiar. O

²¹ Berenguer, E., O lugar da família na atualidade..., *op. cit.*

²² Tendlarz, S., *Metamorfosis familiares. Clínica de las versiones del padre*. Caracas: Pomaire. 2009.

sintoma da criança se encontra no lugar a partir do qual pode dar uma resposta ao sintoma da estrutura familiar, no centro das notas de Lacan estão as perspectivas do sintoma que enriquece a subjetividade da criança e da família. Pelegrí²³ nos diz que a família pode ser considerada como o sintoma do sujeito, já que cada um deve subjetivar o tipo de mãe e o tipo de pai que tem, saber fazer com isso, transformando desse modo o laço social familiar em sintomático. O sintoma na prática psicanalítica se define como o representante da verdade, a verdade do casal.

Primeiro, a criança deve ser um intérprete do que é impossível de dizer entre os pais, a única maneira para que se possa expressar essa verdade do casal é o sintoma que inconscientemente se apresenta no filho como enigma que deve ser resolvido. Partindo do furo que essencialmente lhe constitui, cada sujeito poderá e deverá inventar o pai, ou bem um Sinthome. Podem se admirar a variedade de estratégias empregadas pelas crianças para fugir da voracidade do Outro materno, para inventar famílias fictícias cuja cena primária põe sentido ali onde faltava.

O sintoma é um produto, um arranjo singular do sujeito, um modo de resposta subjetiva frente o desencontro irreparável. Mas essa discordância não é restrito a uma específica da neurose. Quando nos ocupamos dos chamados sintomas modernos, ou os novos sintomas, encontramos certa desestruturação da articulação ao Outro, certa fragilidade do vínculo do gozo ao Outro em favor do gozo do Um, portanto se encontra uma dificuldade para que possa emergir o sujeito suposto saber. O problema hoje não é somente saber como o analista poderá operar com os sintomas originados das mutações familiares, senão também saber quais serão os efeitos dessas mutações familiares sob a psicanálise, das famílias pós-edípicas sintomáticas.

Na atualidade o sintoma não está do lado do sentido, que fala, que diz alguma coisa. Trata-se de um sintoma sem sentido. Observamos que o corpo tem um lugar muito importante (bulimia, toxicomanias, hiperatividade) e esses sintomas permitem localizar o gozo pulsional. Surge a pergunta de se são tratáveis pela única via da metáfora paterna.

Atualmente há uma queda dos ideais mas também percebemos que há uma perda do sentido dos sintomas. O que se chama sintoma da época, tem esse aspecto dos sintomas atuais, uma ausência de mecanismos psíquicos, destituído do sentido e se apresenta diretamente com a cara do real; o que deixa ver os efeitos devastadores pela falta do tratamento simbólico. Esse é o sintoma que Lacan desenvolve no seu último ensino. O

²³ Pelegrí, M., Novas famílias, novos sintomas? Cartel psicoanalitic blogspot 2011.

sintoma pode ser ora uma solução ora uma doença, vai depender do uso que a pessoa faça do mesmo.

Não há seres falantes que não apresentam sintomas, já que os sintomas são produtos do encontro da linguagem e a pulsão. Mas o sintoma clássico, o freudiano e que percorre na primeira parte do ensino do Lacan não é o príncipe da clínica contemporânea.

Podemos situar também que o que mantém o mundo unido não é mais a ordem simbólica, o significante amo, senão essa aliança entre ciência, técnica e capitalismo. O qual implica um deslizamento do discurso e uma sorte de desarranjo do real, de desregulação, desde que já não é o significante amo quem organiza, senão o real nessas condições de aliança. Esse deslocamento supõe modificações na economia do gozo do sujeito contemporâneo.

Para finalizar, resta uma pergunta que concerne à experiência analítica da época. Como lidar com ela?, como fazer no dispositivo analítico com os sujeitos absorvidos pelo sofrimento sem sentido e que não se dirigem ao Outro? Como operar esse forçamento da transferência, forçamento do sintoma para produzir o laço com o Outro? Em definitiva, como levar o sujeito à construção de um sintoma que seja desintoxicante, que inclua o Outro e que esteja aberto à interpretação. Parece que a aposta é para que o sujeito consiga passar do sofrimento ilimitado à lógica do sintoma. Essa é a resposta.

Bibliografia

Berenguer, E., O lugar da família na atualidade, desamarração e re-amarração. Revista digital *Virtualia* N° 15. 2006. Disponível em:

<http://virtualia.eol.org.ar/015/default.asp?dossier/berenguer.html>

Brousse, M.-H., Violências nas famílias. Baiter e ser batido. *Bitácora Lacaniana: Violências e explosão do real*. Buenos Aires: Grama. 2017.

Brousse, M.-H., Fora do sexo. Extensão do império materno. Videoconferências. Seminário do campo freudiano de Granada, 2017.

Brousse, M.-H., Um neologismo da atualidade: a parentalidade. *Capitón* 2. Caracas. 2005.

Freud, S., A novela familiar no neurótico. *Obras completas*. Tomo X. Buenos Aires: Amorrortu. 1992.

Lacan, J., Joyce o sintoma. Conferência ditada na cidade do Soborna na abertura do V Simpósio Internacional James Joyce. (1975-1976) *O seminário, livro 23. O Sinthome*. Primeira edição. Buenos Aires: Paidós. 2006.

Lacan, J., (1938) Os complexos familiares na formação do indivíduo. *Outros escritos*. Buenos

Aires: Paidós. 2012.

Lacan, J., O mal-entendido. *Ornicar* N° 22-23. Paris. 1981.

Miller, J-A., As coisas de família no inconsciente. Revista *Mediodicho* N° 32. Ano 11. Escuela de la Orientación Lacaniana. Sección Córdoba. 2007.

Pelegrí, M., Novas famílias, novos sintomas? Disponível em:

<http://cartelpsicooanalitic.blogspot.com/2011/04/nuevas-familias-nuevos-sintomas.html>

Sánchez, B., A família entre ficção e função. Revista digital *Virtualia* N° 15. 2006.

Sinatra, E., Asuntos de familia, seus enredos na prática. Apresentação do VIII ENAPOL. Escuela de la Orientación Lacaniana. 2016.

Tendlarz, S., Metamorfosis familiares. *Clinica das versões do pai*. Caracas: Pomaire. 2009.

Zlotnik, M., *O pai modelo. Um breve ensaio sobre a pluralização dos nomes do pai*. Buenos Aires: Grama. 2016.